



Para poder ensinar o português como **LÍNGUA ESTRANGEIRA**

AS COMPETÊNCIAS DE UM PROFESSOR
DE LÍNGUA ESTRANGEIRA TÊM QUE IR
ALÉM TANTO DOS CONHECIMENTOS
QUE ELE PRÓPRIO USA, COMO FALANTE,
QUANTO DO USO ACADÊMICO OU
CIENTÍFICO DO IDIOMA.

|| por **Simone Malaguti***

Alguns dos requisitos básicos para aprender uma língua estrangeira são não sabê-la, pelo menos não profundamente, e ter um laço afetivo em relação à língua. Ela tem que despertar curiosidade no aprendiz para que ele deseje conhecê-la melhor para falar, ler, escrever e/ou fazer-se entender na comunicação com o falante da língua-alvo. E para poder ensinar um idioma estrangeiro? Basta, então, sabê-lo ou ser um falante nativo? Basta tê-lo estudado no exterior? Ou ter cursado Pedagogia ou Letras? De imediato, podemos responder a essas perguntas com um *não*, pois as competências de um professor de língua estrangeira têm que ir, primeiramente, além daquelas que ele próprio usa como falante nativo ou como um falante que aprendeu a língua-alvo para uso instrumental e, em segundo lugar, além do seu uso acadêmico ou científico.

No primeiro caso, por exemplo, um americano que fala inglês no dia a dia não reflete o uso da língua inglesa como um professor americano formado o faz dentro da sala de aula. Por sua vez, o professor americano que dá aulas de inglês para alunos americanos terá que ter outras competências para ensinar inglês a estrangeiros, já que, nesse caso, as variáveis da relação ensino/aprendizagem são outras e devem ser refletidas pelo professor. Há de se pensar no ambiente de aprendizagem e na diversidade cultural dos alunos, assim como

Reprodução

*Simone Malaguti é graduada em Português e Alemão pela Universidade de São Paulo e Universität Freiburg na Alemanha, com mestrado na Universidade de São Paulo e doutorado em Literatura e Cinema pela Universität Kassel, na Alemanha. Trabalha como tradutora, docente e assistente em projetos de PLE para editoras.

CURIOS

Métodos e abordagens do ensino de LE

Os métodos mais populares para o ensino de língua estrangeira são: Gramática-Tradução, Direto ou Natural e Áudio-lingual. A partir dos anos 1970, o termo abordagem toma-se mais comum para caracterizar o enfoque dado às estratégias, aos princípios ou às competências no ensino do idioma estrangeiro. As abordagens mais comuns são: contrastiva, cognitiva (ou comunicativa), intercultural, narratologista, "PPP" (Presentation + Practice + Production) e, mais recentemente, baseadas no conteúdo (content-based), nas tarefas, (task-based), na autonomia e no multilinguismo.

CONCEITO

Instituto Camões

Instituto público de Portugal que tem por missão propor e executar a política de ensino e divulgação da língua e da cultura portuguesas no estrangeiro, assegurar a presença de leitores de português nas universidades estrangeiras e gerir a rede do ensino de português no estrangeiro nos níveis básico e secundário.

BIOGRAFIA

Daniele Grannier

Daniele Marcelle Grannier é vice-chefe, professora-doutora no Instituto de Letras da Universidade de Brasília e especializada no ensino de português como segunda língua. Para saber mais sobre seus conceitos, leia: **Perspectivas na formação do professor de português como segunda língua**, disponível no link: <http://lamep.aokatu.com.br/pdf/perspectivas.pdf>.

no seu grau de dificuldade em comunicar ao professor dúvidas de forma mais complexa. A única grande vantagem de aprender um idioma com um nativo não especializado na área é a proximidade da espontaneidade e genuinidade da língua-alvo. Contudo, essa vantagem se perderá rapidamente caso o professor nativo não aplicar conscientemente **métodos e abordagens do ensino de LE** que asseguram a eficiência do que está sendo ensinado. Tais estratégias no ensino de língua têm sido amplamente pesquisadas, desenvolvidas e aplicadas nos últimos cinquenta anos e fazem parte fundamental da formação de qualquer profissional que deseje atuar como professor de um idioma com LE.

O QUE CARACTERIZA UM PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LE?

Dessa forma, fica claro que o professor de português como LE tem que ter uma formação profissional diferenciada em relação ao professor tradicionalmente formado pelo curso de Letras. Em geral, pressupõe-se que o profissional já tenha a formação básica em Letras do curso de português e/ou de um idioma estrangeiro e que, a partir daí, procura aperfeiçoar-se no assunto por meio de cursos específicos, oferecidos em institutos particulares, em disciplinas de pós-graduação (como as oferecidas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e de São Paulo), de licenciatura regular em Letras-Português ou, ainda, em um curso de Letras com licenciatura específica para português como LE (como o Instituto de Letras da Universidade de Brasília). Fora do Brasil, o **Instituto Camões** promove "ações de formação" e oferece bolsas de estudos para professores de português como LE na América, na Europa, na África e na Ásia.

Há, ainda, profissionais nativos em português formados em Letras estrangeiras (inglês, português, alemão etc.) que transferiram suas experiências e competências para o ensino de português como LE. São professores que se especializaram no ensino geral de LE a partir da perspectiva da língua-alvo e aplicaram-no no processo de ensino/aprendizagem do falante do português. Formalmente, portanto,

o professor de PLE é, em geral, um profissional de Letras e especializado para o ensino de LE, senão particularmente para PLE.

Daniele Grannier caracteriza o profissional de LE como um especialista em pelo menos três áreas: língua portuguesa, processos de aquisição e processos de abordagens de ensino/aprendizagem de uma idioma estrangeiro. Como especialista em língua portuguesa e usuária dela, conhece e sabe explicar seus fenômenos gramaticais, suas variedades, seus registros e suas diferenças. Como especialista em aquisição de LE, conhece a **tipologia de exercícios** e sabe aplicá-la na dinâmica de ensino/aprendizagem. Tal dinâmica não é arbitrária: ela é o resultado da sistematização e sequencialização prévia de exercícios e atividades. Ou seja, o profissional de LE sabe planejar taticamente a aula, sabe quando e como apresentar e treinar conteúdos, quando deixar o aluno produzir e quando interferir com sua fala. Quando bem-sucedida, a dinâmica gera um equilíbrio de forças entre o conteúdo trabalhado, a ação do professor e do aluno. Como especialista de abordagens de ensino/aprendizagem, o profissional conhece os prós e os contras de determinadas práticas, métodos e abordagens no ensino de línguas estrangeiras e o momento mais adequado para usá-las. Nesse caso, ele vai ter que julgar, por exemplo, se fará mais ou menos uso da tradução, se trabalhará mais ou menos as situações comunicacionais orais etc.

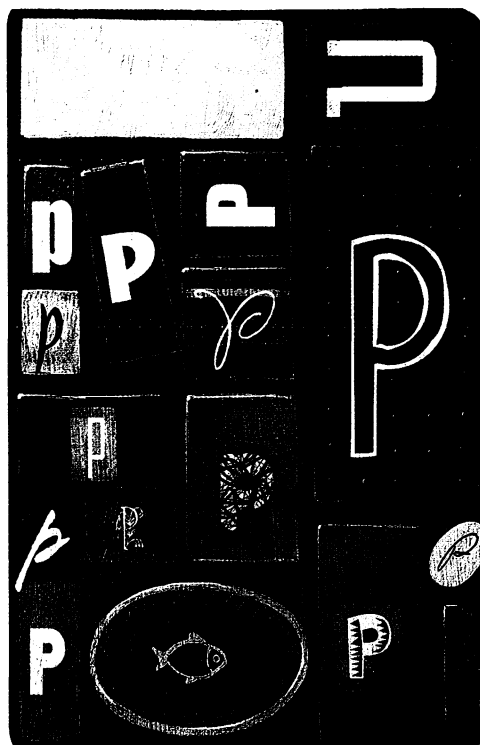
Além dessas características, Grannier finaliza o perfil desse profissional, definindo-o como "uma pessoa com sensibilidade para diversas variáveis." A autora parte do princípio que a maioria dos profissionais que se dedica ao ensino de uma língua estrangeira já passou pela aprendizagem de uma língua nova e "teve a oportunidade de refletir sobre esse processo" que sensibiliza primordialmente as diferenças linguísticas e culturais. Com essa experiência, o profissional de LE deve saber, portanto, colocar-se no lugar do aprendiz e entender muitas de suas dúvidas e surpresas ao aprender a nova língua. Essa "sensibilidade para diversas variáveis" funciona para o professor de LE, então, como um sinalizador de possíveis desafios para que se antecipe a eles e lance mão a tempo de recursos didáticos.

cos que minimizem as limitações no processo ensino/aprendizagem.

VISÃO DIFERENCIADA

A sensibilidade para variáveis é também desenvolvida quando se mora no exterior por um longo período, se vive ou viveu num ambiente de bi- ou trilinguismo ou se lida frequentemente com estrangeiros. Nessas situações, aprende-se, por exemplo, que certas palavras do próprio idioma ou do idioma estrangeiro são intraduzíveis, têm mais do que um significado ou que estão intimamente ligadas à cultura e aos hábitos do país. Exemplos clássicos da língua portuguesa são a palavra “saudades”, o conceito do malandro brasileiro ou as expressões “dar um jeitinho”, “passar lá em casa!” e “tomar um cafezinho”. Ter vivido em Portugal ou no Brasil seria a melhor forma para entender esses termos. Para explicá-los ao aluno no ambiente de sala de aula, é necessário mais do que uma tradução; talvez uma música, um conto e uma imagem.

É certo que aprender uma língua nova e viver no exterior são experiências eficazes, principalmente no requisito interculturalidade; mas o profissional de LE pode aguçar a sua sensibilidade para as diversas variáveis entendendo melhor o que a própria cultura oferece por meio de seus mitos, de suas lendas, das grandes personalidades, da história da língua e do país, das contribuições culturais e científicas ao patrimônio mundial e da literatura intercultural. Isso significa que é importante para o professor de PLE que conheça e saiba explicar mais de perto o que é tipicamente brasileiro e o que o Brasil oferece de único ao mundo além da língua portuguesa. Trata-se de se informar, por exemplo, tanto sobre as culturas indígenas, a Amazônia, a história e os grandes nomes da bossa nova e do carnaval e a origem da feijoada, como a forma do brasileiro se relacionar, se comunicar e se comportar em determinadas situações. Alguns desses temas, subestimados e reduzidos a meros clichês culturais durante alguns anos, revelam verdadeiros **standards culturais** quando o profissional passa a investigar esses temas a partir da seguinte pergunta: “Para qual valor está determinada manifestação ou atitude?”



Essas características, somadas às do especialista nas três áreas descritas, devem ainda contribuir para que o profissional de PLE possa julgar e até elaborar materiais didáticos (folhas de exercícios, apostilas, livros, provas etc.) conforme a necessidade do(s) seu(s) aluno(s).

Com tantas competências a serem adquiridas, que podem, inclusive, envolver uma estadia no exterior para pesquisa ou docência, fica claro que não se forma um profissional de PLE de um dia para o outro. A língua e a cultura, a exemplo do corpo humano, são elementos vivos e mutáveis, daí a importância de entender a formação do profissional como um processo longo, contínuo e sistemático de trabalho prático e teórico que contempla em cada uma de sua fase uma nova faceta e competência que ao longo dos anos se renova e não se esgota. A formação deve contribuir também para desenvolver no profissional uma reflexão crítico-criativa sobre os aspectos do PLE, sobre sua própria formação e colocação no mercado, a fim de que esses sejam melhorados diante das exigências do século XXI, no qual além de inglês, francês e espanhol, o conhecimento de outros idiomas estrangeiros é cada vez mais valorizado. ■

CONCEITO

Tipologia de exercícios

A tipologia refere-se a um conjunto e classificação de exercícios e tarefas (por exemplo, leitura de texto, lacuna, associação imagem/texto, redação, encenação) conforme o objetivo de uma determinada fase do aprendizado. Leva em consideração as competências, as habilidades, as situações comunicativas e as formas sociais do ambiente de aprendizado. Já os processos de aquisição e a dinâmica de ensino e aprendizagem referem-se ao fato de que a aquisição de LE é fásica e depende do sucesso de determinados passos da relação ensino/aprendizagem. Os passos mais populares da dinâmica são: apresentação, fixação e produção do conteúdo.

CURIOS

Standards ou padrões culturais

Referem-se à soma total das atividades (atos, ideias, atitudes, objetos) de um grupo de uma sociedade. É aquela configuração exterior que uma cultura apresenta, traduzindo o conjunto de valores que expressa essa mesma cultura. Designa também o conjunto de heranças históricas, bem como das funções mentais e comportamentos que lhes estão associados, por meio dos quais os indivíduos dessa sociedade se expressam e na qual se baseiam para a sua vivência. Os padrões culturais explicam, portanto, reações, atitudes e sentimentos característicos do grupo.